

## **A LITERATURA INFANTO-JUVENIL AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: DESAFIOS CONTRA ESTEREÓTIPOS SATURADOS**

Irany André Lima de Souza (UFPB)  
Sibelle Praxedes Pereira (UFPB)  
Angélica Fabiana Linhares Saldanha (UFPB)  
Ana Cristina Marinho (orientadora)

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho objetiva apresentar narrativas infantis que estabeleçam um meio favorável para a discussão e reflexão sobre a temática africana e afro-brasileira na escola. Assim, nossa pesquisa procura discutir a importância do trabalho com essas literaturas em sala de aula. Através da literatura, buscamos contribuir para a (re) valorização da cultura brasileira de matriz africana e, por consequência, para (re) afirmar a identidade afro-brasileira por meio da desmitificação de estereótipos atribuídos a essa cultura.

Com isso, a partir da leitura de obras infantis, procuramos identificar de que forma essas narrativas podem colaborar para um resgate e uma afirmação da cultura afro-brasileira no ambiente escolar. Para que a inserção dessa literatura nesse espaço se dê de forma favorável e coerente com a proposta apresentada, pretendemos não apenas apresentar estudos de recontos e compreender as relações que essas histórias têm com a cultura brasileira, mas também apontar algumas perspectivas que indiquem possibilidades de uma nova leitura mais significativa dessas temáticas. Para os limites desse artigo, selecionamos como *corpus* as obras infantis: *Kofi e o menino de fogo*, de Nei Lopes e ilustrações de Hélène Moreau (2008) e *Bruna e a galinha d'Angola*, de Gercilga de Almeida e ilustrações de Valéria Saraiva (2011).

Buscaremos reconhecer formas de representação das relações étnico-raciais nas obras de temáticas africanas e afro-brasileiras, há muito preteridas em favor das literaturas eurocêntricas. Tentaremos traçar um paralelo entre as histórias e nossas práticas sociais, para que à medida que proporcionemos às crianças um maior conhecimento sobre a cultura e as contribuições dessa para a nossa sociedade, também (re) afirmemos valores positivos dessa interação entre culturas, que é inevitável.

Daqui em diante, buscaremos discutir sobre esses questionamentos fundamentados nos estudos de Maria Anória de Jesus Oliveira (2001), Maria Nazaré Lima (2006), Nelly Novaes Coelho (2000), Márcia Tavares Silva (2009), entre outros autores que discutem as temáticas abordadas neste artigo, com a finalidade de viabilizar a pesquisa.

## 1. A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA

Sabemos que ao propor o trabalho com a literatura infantil na escola, ela será, naturalmente, escolarizada, como bem afirma Magda Soares (2011, p. 8): “a literatura é sempre e inevitavelmente escolarizada, quando dela se apropria a escola”. Portanto, trataremos as obras em análise dentro deste contexto de educação a que nos propomos.

A escola é uma instituição em que o fluxo das tarefas e das ações é composto através de procedimentos formalizados de ensino e de organização dos alunos em divisões e/ou categorias, que muitas vezes, determinam um tratamento escolar mais exclusivo para eles. Quanto a isso, Magda Soares (2011, p. 5) declara que

É a esse inevitável processo – ordenação de tarefas e ações, procedimentos formalizados de ensino, tratamento peculiar dos saberes pela seleção, e conseqüente exclusão, de conteúdos, pela ordenação e sequenciação desses conteúdos, pelo modo de ensinar e de fazer aprender esses conteúdos – é a esse processo que se chama escolarização, processo inevitável, porque é da essência mesma da escola, é o processo que a institui e que a constitui.

Diante da quase inevitável escolarização da literatura na escola, cabe a nós evitarmos que ela aconteça de forma negativa, fragmentando ou diminuindo o valor estético-literário do objeto em estudo. Conforme ainda pondera Soares (2011, p. 28): “se é inevitável escolarizar a literatura infantil, que essa escolarização obedeça a critérios que preservem o literário, que propiciem à criança a vivência do literário, e não de uma distorção ou uma caricatura dele”. Pretendemos, portanto, unir o recurso pedagógico – tão ligado à literatura infantil – a seu caráter estético.

A literatura se apresenta na escola sob a forma de fragmentos que devem ser lidos, compreendidos, interpretados. Sem dúvida é neste questionamento que a escolarização da literatura é mais intensa; e é também no que tem sido mais inadequada.

Tomamos como ponto de partida o fato de que a literatura é “imagem e transfiguração” da vida (CANDIDO, 2004, p. 175), logo, tanto imita quanto (re) cria a

realidade que é apresentada de maneira a influenciar o comportamento do leitor-ouvinte, principalmente no caso do infante, por ainda não estabelecer limites entre ficção e realidade. Portanto, a literatura é um oportuno instrumento de auxílio na formação, à medida que “confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2004, p. 175).

Como por trás de toda prática educativa há uma posição valorativa e, sobretudo, ideológica do professor que seleciona determinados conteúdos a serem trabalhados para desenvolver as capacidades dos discentes, assumimos essa responsabilidade de promover a reflexão dos alunos a partir da literatura voltada para a temática que remeta à nossa cultura de matriz africana, para auxiliar na formação integral desses cidadãos.

Antoni Zabala (1998, p. 28) nos esclarece que “educar quer dizer formar cidadãos e cidadãs, que não estão parcelados em compartimentos estanques, em capacidades isoladas” e ainda acrescenta que “as instituições escolares são um dos lugares preferenciais, nesta época, para se estabelecer vínculos e relações que condicionam e definem as próprias concepções pessoais sobre si e mesmo sobre os demais” (ZABALA, 1998, p. 28). A literatura pode ser um profícuo instrumento para isso, seja pelo contato mediado pelo professor, seja pelo diálogo particular entre leitor e obra.

## **2. LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

A obra literária infantil, assim como outras produções culturais destinadas aos infantes, merece atenção e análise dos conteúdos que veicula. A literatura, em especial a afro-brasileira, ao trazer informações e representações para nossas crianças, influencia não só na formação leitora, mas também na formação identitária dos pequenos leitores. Assim, podem contribuir para a afirmação positiva e não estereotipada do legado sócio-cultural brasileiro de matriz africana.

É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças. Isso significa que, aprendemos a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto dessas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas. (MUNANGA, 2006, p. 176)

Conclui-se, então, que há a necessidade de uma reeducação social para o convívio com as diferenças, e a escola, instituição legitimada para atuar na formação de crianças e jovens, deve trabalhar desde os anos iniciais para contribuir para a construção de uma postura de aceitação da diversidade étnico-cultural pelos alunos-cidadãos.

Nesse sentido e enquanto docentes, necessitamos, pelo menos, de uma predisposição para sensibilizar o olhar em busca de mais criticidade sobre as obras veiculadas e publicadas como literatura afro-brasileira e africana voltada ao público infantil/juvenil. Sabe-se que houve e ainda há uma corrida editorial em busca de livros que contemplam a temática. O mercado editorial buscou se adequar às temáticas exigidas pela Lei nº 10.639/2003<sup>1</sup>, crescendo o número de obras publicadas que atendem à temática. Muitas, todavia, não tem qualquer valor estético literário.

Entendemos que se as obras contemplam a temática africana ou afro-brasileira de forma positiva, ou seja, construindo novos significados que valorizem a cultura negra, tanto em espaços de África quanto em espaços brasileiros, essas são obras que devem ser trabalhadas em sala. No entanto, também devemos ter um olhar crítico e observar critérios estéticos que consagram a literatura e as artes, para não correr o risco de banalizar o literário.

Outra questão que levantamos é a adequação do material aos infantes, pois a incoerência de materiais (obras) ditas infantis ou juvenis, dotados de aspectos preconceituosos ou estereótipos saturados, (re) afirmam uma cultura eurocêntrica vigente por séculos no Brasil. Sobre este questionamento, assegura Maria Teresa Andruetto (2012) que “Há os casos em que o mercado editorial é o determinante do público-alvo” e diz que em outros o “medidor de leitura é quem julga”. Necessitamos, pois, de professores preparados para trabalhar de modo positivo e significante a diversidade e suas características - e isso inclui saber avaliar e questionar o produto cultural oferecido aos alunos.

É importante ressaltar a preocupação de Andruetto (2012) com a literatura infanto-juvenil em geral. Para a autora, a literatura não deveria ter adjetivos, ou seja, trata-se de literatura e pronto. Percebemos sua preocupação ao ler “Por uma literatura sem adjetivos”, com as inúmeras designações e funções atribuídas à literatura, principalmente aquela que está direcionada a crianças e jovens, já que o adjetivo infantil

---

<sup>1</sup> A referida Lei estabelece a obrigatoriedade do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira na educação básica.

acaba por se converter em categoria substantivada, que nada mais é do que uma literatura de interesses, o qual aborda como sendo morais, políticas e de mercado. Nesse aspecto, se tomada apenas didaticamente, a literatura que entendemos como arte foge de sua originalidade.

Nesta discussão, Gregorin Filho (2011, p. 13) faz um questionamento: “[...] a literatura é um instrumento pedagógico ou arte?”. O que conhecemos é que a literatura denominada infantil por muito tempo e até hoje trilha por caminhos didáticos moralistas apresentando um idealismo que busca nortear o caráter, as ações de todos os indivíduos. É possível ver alguns contos marchar-se pelo moralismo religioso que visa educar crianças e jovens já em sua formação.

Por outro lado, nossos estudos se pautam mais aproximadamente no que Nelly Novaes Coelho (2000, p. 9) assevera: a “literatura é antes de tudo, literatura, ou melhor, arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”. Vemos através desta autora que Maria Teresa Andruetto tem razão, pois quando a literatura ganha este adjetivo, perde sua característica de literato. Por isso Andruetto (2012, p. 55) avalia que “A obra de um escritor não pode ser definida por suas intenções, mas por seus resultados”.

Com base no que foi exposto, apresentamos brevemente algumas leituras que consideramos enriquecedoras do ponto de vista aqui pretendido: incluir nos espaços escolares as literaturas de temáticas africana e/ou afro-brasileira de boa qualidade estético-literária, de forma a possibilitar novas visões sobre a cultura brasileira de origem africana. Logo, tomaremos a literatura enquanto tal – para possibilitar a visão estética dos alunos – e também com uma função pedagógica.

### **3. ALGUMAS PRODUÇÕES SIGNIFICATIVAS DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA**

#### **3.1. KOFI E O MENINO DE FOGO, DE NEI LOPES (2008)**

Essa história é um relato de um episódio vivido pelo malinês Amadou Hampâté Bâ, um mestre representativo da tradição oral africana.

Em 3ª pessoa, o narrador conta a história de Kofi, que se passou em 1950, no país de Gana, ainda em tempos de colonização inglesa.

De forma bem instigante, o texto verbal se une às ilustrações inspiradas na arte africana para narrar as culturas e as tradições do povo ganense da aldeia de Kofi. Os textos exploram aspectos relacionados aos nomes das personagens, o respeito aos mais velhos e as funções destinadas às mulheres e aos homens na aldeia.

Em meio à narrativa, o fato mais importante e que motiva o título do livro é o dia em que o pequeno protagonista vê pela primeira vez um menino branco, que chega num navio de estrangeiros ingleses a Gana. Kofi que sempre ouvira falar dos brancos que tinham

cabelos amarelos como a juba de Gyata, o leão; homens e mulheres com a pele clara como o milho de madurar ou como a pele de aves quando perdem a penas e pluma; E que quando essas pessoas se zangavam, ficavam vermelhas com as chamas da fogueira... e que se alguém nelas encostasse morreria de dor (LOPES, 2008).

Fica assustado ao ver o menino estrangeiro, mas como fora treinado para ser um grande chefe, não podia ter medo e decidiu tocar no branco; assim descobriu que sua pele não queimava e, por conseguinte, o branco viu que a pele negra não largava tinta, como imaginava. Resolvido o susto, se entenderam, esqueceram as ideias preconcebidas e jogaram futebol juntos (há referência ao futebol do Brasil). Na descrição desse evento, as imagens têm um papel importantíssimo, à medida que ilustram as fantasias sob a ótica do menino Kofi que vê o outro a partir de sua própria representação, constrói sua identidade a partir da relação com o outro, diferente.

Quando o país de Kofi é visitado pelos colonizadores ingleses, é o pai de Kofi quem faz o contato com o seu povo. Ao apresentar os recém-chegados diz:

- Quero apresentar a vocês nossos visitantes. Eles vieram de muito longe, da Inglaterra, onde vive o rei George, que também é nosso rei.  
Nesse momento, sem que os visitantes notassem, pois não falavam a mesma língua, o pai de Kofi murmurou:  
- Nosso rei por enquanto... por enquanto... (LOPES, 2008, p. 22-23)

Essa fala nos mostra uma postura de resistência do povo ganense, representada pelo pai de Kofi, que não é passiva a situação de colonização.

Depois da menção à relação étnica, rapidamente é narrado que, depois que Gana conquistou a independência, Kofi foi estudar na Europa e voltou para seu país como

mestre, construiu família e tornou-se amigo de muitos brancos com quem pôde manter uma relação de amizade que reconhecia e respeitava as diferenças.

Durante a narrativa são mencionados vocábulos da língua da aldeia de Kofi, sempre acompanhados de termos correspondentes no português do Brasil. Portanto, é possível uma leitura autônoma e lúdica pela criança.

Para enriquecer o conhecimento do leitor, no final do texto, há informações sobre Gana: história, economia, população, fauna e flora, moradia, alimentação e vestuário típicos.

### **3.2. BRUNA E A GALINHA D'ANGOLA, DE GERCILGA DE ALMEIDA (2011)**

Essa obra é uma homenagem às raízes negras do Brasil. Conta a história de Bruna, uma menina que se sente solitária em sua aldeia, mas que se alegra muito ao ouvir as histórias dos *panôs*, contada por sua avó africana Nanã. Entre as mais ouvidas está a lenda africana de “Osun”, que também se sentia sozinha e resolveu criar uma companhia: Conquém – a galinha d’Angola.

A história contada pela avó passa a influenciar muito a vida de Bruna. A menina ganha uma galinha d’Angola e ganha amigas na aldeia. A galinha encontra o baú perdido de Nanã com mais um *panô* dentro e por sua vez, mais uma história do povo africano sobre a criação do mundo, segundo a memória de seu povo. Bruna e suas amigas tornam-se reconhecidas por recontarem as histórias em *panôs* semelhantes aos da avó Nanã e passam a influenciar também toda a aldeia.

A linguagem utilizada nessa obra é bastante atrativa para as crianças – há uma quadra que acompanha a contação das histórias em que há uma brincadeira com as palavras “Conquém” – galinha d’Angola – e “com quem”.

As ilustrações retratam as personagens com seus penteados afros, roupas coloridas e colaboram para uma identificação positiva do leitor afrodescendente.

## **4. O PAPEL FORMADOR DA ESCOLA E DA LITERATURA**

Compreendemos que a escola tem um papel formador muito importante na vida dos cidadãos. É imprescindível que ela proporcione aos nossos alunos um campo extenso de conhecimento e que permita desenvolvimento motor, moral, ético e social de seu público. Dentro da escola, as disciplinas também devem contribuir de forma favorável para esse contínuo formador.

Com isso, destacamos a Lei nº 10.639 de 2003, que implanta a obrigatoriedade do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira na educação básica, a ser aplicada na disciplina de língua portuguesa com a inserção do ensino das Literaturas Afro-Brasileiras e Africanas legitimada nos documentos oficiais da educação. Defendemos o trabalho com a literatura infantil nessa perspectiva, de forma a desenvolver desde cedo os valores e o respeito à herança cultural africana pelos nossos infantes.

Retomamos Gregorin Filho (2011) quando este concorda com a discussão de Maria Teresa Andruetto (2012) ao dizer que os autores devem trazer nos seus escritos as vozes das crianças e o universo cotidiano, tratar das desordens que estas enfrentam diariamente, pois

com seus conflitos para serem lidos/vistos/sentidos numa literatura para as crianças de hoje, conflitos esses levados às crianças com uma proposta de diálogo não somente de imposição de valores, por meio de uma literatura que busca a arte, sua característica primeira (GREGORIN FILHO, 2011, p. 18).

E para reforçar a discussão deste trabalho, o autor também chama a atenção para o surgimento de um mercado editorial, uma vez que, voltado para crianças e jovens,

procura instigar o seu leitor para a produção de intertextos, de múltiplos diálogos com outras obras e tempos e, o mais importante vai fazendo com que a criança eduque o seu olhar para a parte e ao mesmo em que é levada a perceber e discutir as mazelas do mundo onde vive (GREGORIN FILHO, 2011, p. 23).

Por conseguinte, o que buscamos e encontramos está defendido e apresentado por Maria Teresa Andruetto (2012). A autora evidencia que a literatura sendo arte, criatividade, isto é, uma construção que vai além do livro como objeto da cultura, não seja apenas instrumento pedagógico. O que se pretende com isso é formar leitores, mas leitores com livros que apresentem qualidade, pois se não acontecer assim, a leitura se tornará moralizante. É necessário termos leitores formados desde sua tenra idade, no

entanto, estes devem ser mais interessados, mais críticos, mais estudiosos, mais seletivos desde que os livros apresentem qualidade e diversas vozes.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas duas obras selecionadas, observamos traços e identificações da cultura e da tradição africanas resgatadas pela memória. As narrativas analisadas trazem protagonistas negros e contribuem para uma representação positiva dos afro-brasileiros, à medida que promove um pertencimento identitário pelo leitor, assim como o reconhecimento das diferenças.

Em *Kofi e o menino de fogo*, apesar de ser uma história marcadamente africana, nos mostra a luta desses africanos por seu reconhecimento. E, o fato do texto e as ilustrações nos revelar a percepção da criança sobre o ser diferente – ser construído nas representações das histórias ouvidas pelo personagem – nos mostra a desconstrução dessas representações no contato simbólico entre o menino negro e o branco, podendo viver dialeticamente as diferenças. Essa simbologia e a cultura representada na obra podem corroborar para a afirmação da identidade afro-brasileira pelo leitor, e também contribuir para o reconhecimento positivo do povo de descendência africana.

Já na obra *Bruna e a galinha d'Angola* há uma aproximação maior e direta com a realidade brasileira, pois, apesar de não ser dito, a história pode ter acontecido no Brasil – há uma dedicatória “às raízes negras do Brasil”. Nessa narrativa, há um resgate da tradição oral africana. Atribui-se grande valor à prática de contar histórias, pelas quais os mais velhos, no caso a avó Nanã, passa aos mais jovens os mitos e lendas que consolidam a memória de seu povo. As personagens desse livro são ilustradas de forma a valorizar a beleza negra: usam tranças, penteados africanos e vestimentas coloridas.

Observamos que as narrativas em questão contribuem positivamente para a valorização da imagem do negro, outrora estigmatizada por uma literatura embranquecida. Também, destacamos que os aspectos como identidade e memória apresentadas no contexto das obras afirmam uma tendência e ressignificação de uma literatura marcadamente afrodescendente.

Assim sendo, tomamos a declaração de Nelly Novaes Coelho (1993) *apud* Márcia Tavares Silva (2009, p. 158), para quem “a literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir, nesta sociedade-em-transformação: a de servir

como agente de formação seja no espontâneo convívio leitor/livro; seja no ‘diálogo’ leitor/texto estimulado pela escola”.

Logo, a escola é um espaço privilegiado para desenvolver o convívio harmonioso com as diferenças e, na perspectiva do estudo de uma literatura que respeite as diferenças étnico-raciais, fomenta a reflexão sobre as discriminações envolvidas, bem como contribui para a aceitação da criança branca e da negra, numa concepção de pertencimento.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gercilda de. **Bruna e a galinha d'Angola**. Ilustrações Valéria Saraiva – Rio de Janeiro: EDC – Ed. Didática e Científica e Pallas Editora, 2011.

ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. Trad. Carmen Cacciaccaro. Buenos Aires: Pulo do gato, 2012.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil: um objeto novo. In: \_\_\_\_\_. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000. p. 127-142. (Série Nova Consciência).

GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura infantil: um percurso em busca da expressão artística. IN: GREGORIN FILHO, José Nicolau; PINA, Patrícia Kátia da Costa, MICHELLI, Regina Silva (Orgs.). **A Literatura infantil e juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011, p. 12-25.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Orgs.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Capítulo V. p. 179-217.

LOPES, Nei. **Kofi e o menino de fogo**. Ilustrações de Hélène Moreau. – Rio de Janeiro: Pallas, 2008. 40p.: il. Color.

MUNANGA, Kabengele. **O negro no Brasil de hoje**. Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes. São Paulo: Global, 2006. (Coleção para entender).

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Personagens negros na literatura infanto-juvenil: há muito fazer-dizer, há muito de palavra-ação. In: SILVA, Márcia Tavares; RODRIGUES, Etiene Mendes (Orgs.). **Caminhos da leitura literária: propostas e perspectivas de um encontro**. Campina Grande: Bagagem, 2009. p. 156-176.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Orgs.). *Escolarização da leitura literária*. 2. ed. 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ZABALA, Antoni. *A função social do ensino e a concepção sobre os processos de aprendizagem: instrumentos de análise*. In: \_\_\_\_\_. **A prática educativa: como ensinar**. São Paulo: ArtMed, 1998.